

POLÍTICA

HAROLDO HOLLANDA

A cautela do Congresso

Apenas dois pequenos partidos, o PT e o PC do B, ainda insistem na constituição imediata de uma CPI destinada a investigar os negócios do empresário alagoano Paulo César Farias. Os demais partidos de oposição resolveram adotar a respeito, na reunião de líderes, realizada ontem pela manhã, no gabinete do presidente da Câmara, uma atitude de cautela. Há o receio de que as investigações possam esbarrar na figura do presidente da República, com o que estaria criada uma crise institucional. Seria uma repetição do que ocorreu no Brasil em 54. No entanto, o deputado Humberto Souto, líder do Governo, declara que o presidente Collor tem sido sempre o principal interessado em determinar a apuração de toda e qualquer irregularidade ocorrida em seu governo.

O senador paranaense José Richa, do PSDB, reflete muito bem a média das opiniões no Congresso, ao sugerir que se dê tempo para decantar se têm consistência, ou não, as denúncias encaminhadas ao exame da Procuradoria Geral da República. Há o receio, adverte Richa, de que a CPI sobre Paulo César desperte, como tantas outras, uma expectativa que a realidade dos fatos não venha a confirmar, o que deixaria o Congresso numa posição de desconfortável fragilidade política. O PSDB, pelas suas personalidades mais eminentes, como seu presidente Tasso Jereissati, o governador Ciro Gomes e senadores como Fernando Henrique Cardoso e Beni Veras, é contrário à formação da CPI. O senador Beni chega a lamentar que essas denúncias tenham vindo a público agora, quando o presidente Collor constituiu um ministério de excelente nível, dando a impressão de que se encontra no caminho certo.

O deputado José Genoíno, do PT, numa análise pessoal, diz que qualquer que seja a decisão política a propósito dessa CPI, o Congresso estará em situação muito difícil. Isso porque, segundo ele, o Congresso

pode contribuir, com a formação da CPI, para o agravamento da crise política em andamento. Mas existe, de acordo com Genoíno, a outra face da moeda que não pode ser desconhecida: o Congresso também não pode se acovardar, acobertando possíveis irregularidades, com o que transmitiria à opinião pública uma imagem de omissão. Foi por essa razão que os principais líderes de partidos com representação na Câmara resolveram tomar a decisão de aguardar a evolução dos acontecimentos. Dependendo do que venha a acontecer, do peso das denúncias apresentadas perante a Procuradoria Geral da República, a CPI poderá sair ou não. A tendência dominante no Congresso é a de não dar motivações para o agravamento da crise política.

Tudo irá depender do comportamento de Pedro Collor. Nos jornais de ontem ele esmaeceu o tom dos ataques que, na véspera, havia dirigido ao presidente Collor. Isso deve ter ocorrido em virtude de gestões pacificadoras desenvolvidas pelo senador alagoano Guilherme Palmeira. Mas o fato mais importante foi uma reunião familiar promovida anteontem em Brasília, da qual participaram D. Leda Collor, mãe de Fernando e Pedro Collor, e o irmão Leopoldo. Quanto a Pedro Collor, viajou para Maceió, enquanto da capital alagoana é aguardado hoje em Brasília o conselheiro do Tribunal de Contas de Alagoas, José Barbosa, amigo íntimo e conselheiro da família Collor de Mello.

Por sua vez, o ministro Jorge Bornhausen vem tentando, na área política e de imprensa, apagar os incêndios que Pedro Collor semeou com suas denúncias. Permanece, no entanto, dentro do governo, como um fator de inquietação, o comportamento futuro de Paulo César Farias, perguntando-se por quanto tempo permanecerá silencioso diante das acusações que contra ele faz Pedro Collor.